



EXPANSÃO CANAVIEIRA PAULISTA: MUDANÇAS NA DINÂMICA DA POPULAÇÃO, NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E NOS ARRANJOS ESPACIAIS DO SETOR SUCROENERGÉTICO NO BRASIL¹

Natália Belmonte Demétrio ²
Rosana Baeninger ³

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo analisar a inserção do noroeste paulista no processo de expansão do setor sucroenergético, relacionando a emergência de uma nova geração de usinas no país a mudanças nas relações de trabalho que estruturam esse segmento, nos fluxos migratórios mobilizados por esses capitais e na hierarquia da rede urbana regional. Em termos metodológicos, a principal fonte de informação da pesquisa deriva de entrevistas semiestruturadas realizadas com trabalhadores da Usina Vale do Paraná e com agentes institucionais dos municípios de Santa Fé do Sul, Três Fronteiras e Suzanápolis (sede da usina). Os relatos ajudam a compreender os processos de reestruturação produtiva em curso, as instabilidades decorrentes da especialização produtiva, bem como a constituição de novos espaços da migração em nível regional, elucidativos das novas conexões estabelecidas entre os municípios da região com o resto do país e do mundo.

Palavras-chave: globalização, urbanização, migração, agricultura, São Paulo

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar la inserción del noroeste de São Paulo en el proceso de expansión del sector azucarero-energético, relacionando el surgimiento de una nueva generación de ingenios en el país con los cambios en las relaciones laborales que estructuran este segmento, en los flujos migratorios movilizados por estas capitales y en jerarquía de la red urbana regional. En términos metodológicos, la principal fuente de información para la investigación proviene de entrevistas semiestruturadas realizadas con trabajadores de la Planta Vale do Paraná y con agentes institucionales de los municipios de Santa Fé do Sul, Três Fronteiras y Suzanápolis (sede de la planta). Los informes analizados ayudan a comprender los procesos de reestructuración productiva en curso, las inestabilidades derivadas de la especialización productiva, así como la constitución de nuevos espacios migratorios a nivel regional, dilucidando las nuevas conexiones que se establecen entre los municipios de la región con el resto del país y del mundo.

Palabras clave: globalización, urbanización, migración, agricultura, São Paulo.

¹ Esse trabalho foi construído no âmbito do projeto “Espaços regionais da agricultura globalizada em São Paulo: trabalhadores rurais e migrantes” - uma parceria entre o Observatório das Migrações em São Paulo (Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”/Universidade Estadual de Campinas) e o Ministério Público do Trabalho/ Procuradoria do Trabalho do município de Araraquara.

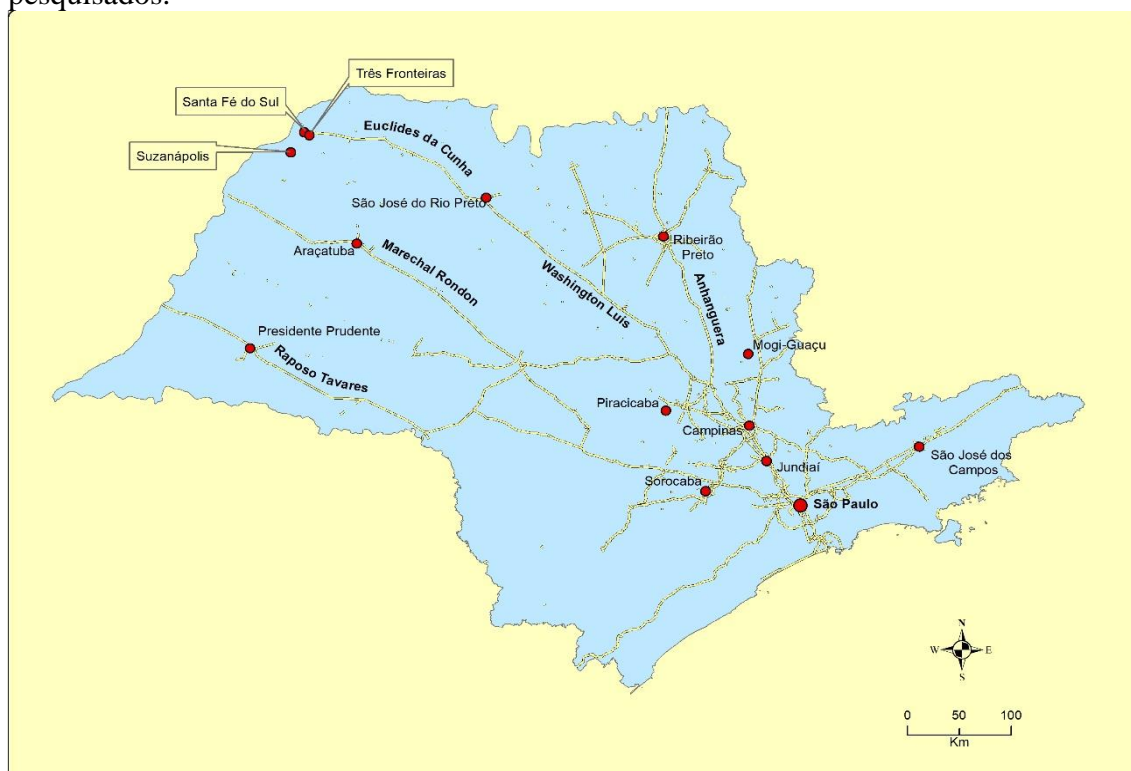
² Pós-doutoranda no Núcleo de Estudos de População Elza Berquó da Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora do Observatório das Migrações em São Paulo, ndemetri@unicamp.br;

³ Professora Aposentada do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora Colaboradora do Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”. Coordenadora do Observatório das Migrações em São Paulo, baeninge@unicamp.br;

INTRODUÇÃO: O TEMPO E O ESPAÇO DO NOROESTE PAULISTA NA EXPANSÃO DO SETOR SUCROENERGÉTICO

Amplamente beneficiado pela modernização agrícola planejada pelos Planos Nacionais de Desenvolvimento da ditadura militar, o setor sucroenergético consolidou-se como um dos complexos agroindustriais com maior densidade de vínculos entre agricultura e indústria (DELGADO, 1987; ELIAS, 2003). Do histórico Quadrilátero do Açúcar em São Paulo (região de Piracicaba, Sorocaba, Mogi-Guaçu e Jundiaí), articulado no século XVIII ainda sob regime de trabalho escravo, os canaviais paulistas expandiram-se nas trilhas abertas pelos principais eixos rodoviários estaduais: as rodovias Anhanguera e Washington Luís, nos anos 1960; a Marechal Rondon e a Raposo Tavares, nas décadas 1970/1980; alcançando a porção noroeste (rodovia Euclides da Cunha) somente nos anos 2000 (Mapa 1; SILVA; BUENO; MELO, 2015).

Mapa 1. Principais eixos rodoviários do Estado de São Paulo e localização dos municípios pesquisados.



Fonte: Produzido pelo Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo/Unicamp) a partir das malhas disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade).

Na conformação desse último surto expansionista, é fundamental destacar algumas particularidades. Em primeiro lugar, esse processo não reproduz as



transformações urbanas verificadas nas regiões canavieiras mais antigas, onde a constituição de um complexo agroindustrial fortaleceu uma série de outras indústrias e serviços adjacentes (DELGAGO, 1987; ELIAS, 2003). Em segundo lugar, sob os impactos das reformas neoliberais dos anos 1990, a inserção do noroeste paulista na rota de expansão do setor sucroenergético ocorreu sob o domínio das transnacionais, cuja atuação produziu um “agigantamento dos grupos empresariais” no comando da produção, processamento e comercialização da cana-de-açúcar e seus derivados (SAMPAIO, 2015, p.739; CASTILLO, 2015). Tem-se, assim, uma “nova geração de usinas”, com grande capacidade de inversão financeira e inovação tecnológica, que redefinem a dinâmica de reprodução do setor (SAMPAIO, 2015, p.727).

Em terceiro lugar, também é necessário ressaltar as influências da Constituição de 1988 e do processo de redemocratização no fortalecimento de formas de mobilização social “em busca da integridade socioambiental dos territórios submetidos à acumulação capitalista” (SILVA; MARTINS, 2010, p.219). De acordo com Silva e Martins (2010, p.220), a luta por melhorias das condições de trabalho no setor ganha “novos atores e novas formas de resistência” no século XXI, conformando um amplo campo de lutas - constituído pelo Ministério Público, Ministério do Trabalho, organizações não governamentais, universidade, categorias representativas dos trabalhadores e representantes da Assembleia Legislativa estadual – que, de fato, foi capaz de “redirecionar antagonismos históricos” presentes no segmento canavieiro (SILVA; MARTINS, 2010, p.235).

Dentre as principais conquistas alcançadas, destaca-se o aumento das fiscalizações no eito, nas moradias e nos ônibus utilizados para o transporte dos trabalhadores; a elaboração de centenas de “notificações recomendatórias às usinas acerca das questões ambientais (queimadas) e da terceirização de mão-de-obra; abertura de inúmeros inquéritos para apuração de irregularidades trabalhistas e ambientais” (SILVA; MARTINS, 2010, p.229-330). No escopo dessas transformações, os bóias-frias (SILVA, 1999) transformam-se em trabalhadores rurais migrantes (PEREIRA, 2019), com a perspectiva dos direitos balizando essa mudança de sentido.

Como síntese desses processos está a Vale do Paraná, em Suzanápolis (Mapa 1). Construída em 2006, por ação de capitais nacionais (Unialco), a usina foi vendida aos grupos Pantaleón, da Guatemala, e Manuelita, da Colômbia, no começo de 2010. Além de representar o processo de internacionalização do setor (CASTILLO, 2015), essa usina



também constitui um exemplo emblemático da nova ordem mundial, reconfigurada pelo fortalecimento das relações Sul-Sul (MANRIQUE, 2012). Analisar as mudanças nas relações de trabalho, na dinâmica da migração e na hierarquia urbana regional, em decorrência da presença dessa empresa, constitui os principais objetivos desse trabalho.

No tocante às transformações na rede urbana regional, a instalação da usina fortalece desigualdades historicamente construídas no território, alavancando uma divisão socioespacial do trabalho que impulsiona a constituição de uma cidade do fazer, uma cidade do comércio e uma cidade do morar (SANTOS, 2002; ELIAS; PEQUENO, 2018). Em se tratando das relações de trabalho, investiga-se os impactos da mecanização na hierarquia do emprego nesse setor, a inovação radical nos processos de gestão da produção e a emergência de novas identidades profissionais (GRAS; HERNÁNDEZ, 2013; ELIAS, 2003), sobretudo entre as ocupações que envolvem alto nível de reflexividade e conhecimento, próprias da economia da informação (CASTELLS, 1999). Também são discutidas a influência das transnacionais nas reformas legislativas em curso no Brasil, as quais tanto atacam o campo de forças mencionado por Silva e Martins (2010), quanto tonificam discursos pautados na “diminuição do ‘custo social’ das empresas” para que “a economia volte a prosperar” (FLEURY, 2018, p.12).

Finalmente, as transformações nos processos migratórios combinam aspectos da globalização por cima (PORTES; GUARNIZO; LANDOLT, 2003), com a chegada de guatemaltecos, nicaraguenses e colombianos – todos em funções de gerência e direção da usina – e da globalização por baixo (PORTES; GUARNIZO; LANDOLT, 2003), com a redefinição das migrações permanentemente temporárias (SILVA, 1999) de baianos que, vinculadas ao trabalho agrícola, foram fortemente impactadas com a mecanização do plantio e da colheita (MENEZES; COVER, 2020).

Antes de seguir o debate sobre esses pontos, o trabalho retoma algumas questões relativas às estratégias metodológicas utilizadas na pesquisa, em especial o uso de técnicas de investigação que privilegiam o estudo de microprocessos sociais (MARTINS, 2004), localizados em uma região específica (ELIAS, 1999), com realização de entrevistas semiestruturadas (RICHARDSON, 1999).

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO



A pesquisa empírica baseou-se na realização de entrevistas semiestruturadas com trabalhadores da Vale do Paraná e agentes institucionais dos municípios de Suzanápolis (sede da usina), Santa Fé do Sul e Três Fronteiras: localidades fortemente impactadas pela instalação da empresa⁴. No total, foram entrevistados nove trabalhadores, em diferentes cargos (no setor de recursos humanos, no laboratório, na limpeza, no almoxarifado, na oficina e na colheita e plantio mecanizados), e quatro agentes institucionais (dois de Suzanápolis, um de Santa Fé do Sul e um de Três Fronteiras). As conversas ocorreram entre junho de 2019 e janeiro de 2020 e derivaram-se de visitas às prefeituras municipais e contatos previamente realizados por telefone, e-mail, em pontos de ônibus⁵ ou por indicação dos próprios gestores.

Os diálogos foram mediados por um roteiro de três a sete perguntas, a depender do perfil de cada interlocutor (se agente institucional ou funcionário da usina), organizado de modo a obter dos(as) entrevistados(as) os aspectos que eles ou elas consideravam relevantes sobre a presença e as transformações causadas pela Vale do Paraná na região e em suas vidas. Ao enfatizar as interpretações, os significados e as motivações individuais, a investigação ressaltou a escala da localidade (ELIAS, 1999) e a análise de microprocessos sociais (MARTINS, 2004) como representativos de mudanças mais amplas.

Sem “a preocupação com a generalização”, as representações e os discursos captados nessas entrevistas visam oferecer “uma explicação válida para o caso [...] em estudo, reconhecendo que os resultados das observações são sempre parciais” (MARTINS, 2004, p.295). Nessa linha, o rigor da pesquisa qualitativa não advém de sua significância estatística ou da rigidez do instrumento de coleta das informações, mas da profundidade dos conhecimentos acessados e “da solidez dos laços estabelecidos entre nossas interpretações teóricas e nossos dados empíricos” (MARTINS, 2004, p.295).

Ao mesmo tempo, a opção por concentrar o trabalho de campo entre poucos municípios, bastante próximos entre si, teve por objetivo compreender, em uma localidade específica, as alianças necessárias entre “empresas globais, governos e setores

⁴ Todas as entrevistas contaram com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (Certificado de Apreciação Ética 20340219.2.0000.8142) e seus resultados estão publicados em Baeninger, Araújo e Demétrio (2020).

⁵ O pequeno porte dos municípios visitados e a identificação visual dos veículos responsáveis pelo transporte dos trabalhadores da usina, majoritariamente uniformizados, facilitou a identificação dos pontos de ônibus de concentração dessa população. O contato feito nesses espaços constitui o principal meio de contato para a realização das entrevistas.



dominantes locais”, sem as quais a globalização não acontece (RIBEIRO, 2004, p.206). Para Santos (2013, p.29), “quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares”. Na interpretação desse autor, a globalização só existe enquanto metáfora, ou seja, como abstração teórica, e sua análise não deve ser confundida como “uma simplificação cega [...] que apenas leve em conta os fenômenos gerias dominados pelas forças sociais globais” (SANTOS, 2002, p.314).

Se é no âmbito global que a reprodução ampliada de capital ocorre, é no lugar que os processos se territorializam, que o conflito aflora, que os eixos das sucessões e das coexistências se superpõem, se fundem e se entrelaçam (SANTOS, 2002). “De um lado, a hiperescala da circulação do capital e das informações, e de outro, a hipoescala da localidade, onde [de fato] se estabelece as relações de produções” (DINIZ, 2003, p.102). Assim, “a escolha do regional e local não significa deixar de adotar uma visão holística, uma vez que não é possível pensar o todo sem o particular, da mesma forma que não é possível pensar o lugar e a região sem pensar o mundo” (ELIAS, 1999, p.98).

Tendo em vista essas considerações, as informações produzidas pelo trabalho de campo serão discutidas em três partes. A primeira recupera as relações entre os espaços selecionados pelo setor sucroenergético no noroeste paulista e as características de sua fronteira agrícola, associando a atual reconfiguração do território às hierarquias construídas ao longo de um século de formação capitalista. A segunda parte concentra o debate sobre a implantação/desnacionalização da Vale do Paraná e a reconfiguração de processos migratórios internos e internacionais nos municípios selecionados. Por fim, apresenta-se outras dimensões relevantes acerca das transformações nas relações de trabalho na usina, com destaque para os limites da mecanização e para a emergência de formas mais refinadas de dominação e subsunção ao capital (SILVA; BUENO; MELO, 2015).

OS ESPAÇOS SELECIONADOS PELO SETOR SUCROENERGÉTICO NO NOROESTE PAULISTA

O processo de ocupação capitalista do noroeste paulista produziu desigualdades regionais que hoje influenciam as formas diferenciadas de inserção de cada uma de suas localidades no circuito espacial produtivo do setor sucroenergético (CASTILLO; FREDERICO, 2010). Antes mesmo da chegada da fronteira agrícola do café, nas décadas de 1930 e 1940, a região fazia parte das áreas de engorda dos principais frigoríficos



paulistas, constituindo-se como importante fonte de carne e couro para o resto do estado (TARTAGLIA; OLIVEIRA, 1988; MAMIGONIAN, 1976). Essa ocupação embrionária foi fortalecida anos mais tarde com as engrenagens da locomotiva do complexo cafeeiro (GONÇALVES, 1998), cujo processo sistemático de demarcação de terras privadas e devolutas selou em definitivo a integração da região à divisão socioespacial do trabalho em nível nacional (NEGRI; GONÇALVES; CANO, 1988).

Já sob a crise da cafeicultura, a fronteira agrícola do noroeste paulista combinou a produção comercial de alimentos, em pequenas propriedades familiares, com a produção de algodão, milho e pecuária, emergindo como fenômeno eminentemente híbrido e flexível (RODRIGUES, 2006). Em especial a partir de década de 1950, quando o avanço da modernização agrícola conservadora desestruturou as condições de reprodução da agricultura familiar (MULLER, 1985) – protagonista na formação capitalista da região (MELO, 2013) – as companhias colonizadoras começaram a enfrentar dificuldades na revenda de seus lotes, particularmente os localizados nas áreas mais distantes das estações de trem, com vias de acesso precárias (CHAIA, 1980). Esse é o caso de Suzanápolis, situada a cerca de 50km da Estrada de Ferro Alta Araraquarense (hoje, SP320 – Rodovia Euclides da Cunha) (Mapa 1). Nesse município prevaleceu, desde o momento histórico de sua formação, uma estrutura fundiária concentrada, ocupada sobretudo com pastagens e, atualmente, com cana-de-açúcar (BINI, 2010).

Diante desse cenário, é possível compreender a seguinte fala, recortada de entrevista com agente institucional de Suzanápolis:

Eu não sou de Suzanápolis. Sou de Palmeira d'Oeste. Apesar de próximas, há uma distinção muito grande na parte da agricultura. Lá [em Palmeira d'Oeste], são pequenas propriedades. De 2, 5, 10 alqueires [...]. Tem muita agricultura familiar. Tem uva, laranja, limão. Tem uma diversificação maior. Aqui [em Suzanápolis] não. Aqui é praticamente tudo fazenda. Quem não arrendou para a cana, tem pecuária ainda. Em Palmeira, tem mais de mil propriedades. Aqui, se tirar uma fazenda grande que virou assentamento para 155 famílias, ou seja 155 propriedades, não tem 200. Porque é tudo fazenda. Já era assim antes da usina (entrevista realizada com agente institucional de Suzanápolis, em julho de 2019).

Em outra conversa, com agente institucional de Santa Fé do Sul, a questão da estrutura fundiária também é reforçada:

Uma coisa que é característica de Santa Fé, mas não de toda a região, são as pequenas propriedades [...]. Então fica tudo agricultura familiar



mesmo [...]. A usina não veio para cá porque nós não temos grandes propriedades, não temos área que a acomodasse. E lá [em Suzanápolis], eles conseguiram comprar uma grande área [...]. O problema de Santa Fé é mesmo o perfil, é a característica das propriedades. Nós temos aqui, hoje, mais de 700 pequenas propriedades. A maioria de 5 a 20 hectares, o que para a cana não gera interesse. A usina não quer alugar de 500 pessoas. Quer alugar de 50 (entrevista realizada com agente institucional de Santa Fé do Sul, em julho de 2019).

Essas informações ajudam a compreender como a globalização ocorre localmente (SANTOS, 2013), selecionando espaços (SASSEN, 1998) com raízes históricas específicas. Sem as características demandadas pelo monocultivo, Santa Fé do Sul, um dos principais centros urbanos da região, destaca-se pela maior diversificação de suas atividades econômicas, fortalecendo seu papel de cabeça da rede urbana local (CAIADO, 1995), isto é, de núcleo urbano centralizador dos serviços:

Santa Fé recebeu benefício indireto, eu diria. Como nós não tínhamos grandes áreas para plantio e nem tínhamos as características para ser a sede da usina, nós perdemos o ICMS e os investimento em si. Porém Santa Fé se tornou a principal referência da usina, tanto para moradores, quanto para a atividade financeira e comercial. Suzanápolis não é referência do escritório deles, é aqui (entrevista realizada com agente institucional de Santa Fé do Sul, em julho de 2019).

O comércio de Santa Fé é maior que a cidade [...]. Ele é mais do que a cidade precisa, porque tem esse [...] interesse das cidades vizinhas e até do estado vizinho (entrevista realizada com agente institucional de Santa Fé do Sul, em julho de 2019).

Nesse contexto de redefinição da forma como cada localidade insere-se na divisão socioespacial do trabalho em nível local, nacional e internacional, o município de Três Fronteiras desponta-se como importante periferia migrante (PEREIRA; BAENINGER, 2016), resultado dos processos de reestruturação urbana que redesenham a região:

Aqui é muito próximo de Santa Fé e o aluguel é mais barato. Então muita gente prefere morar aqui, mas trabalha e gasta lá [...]. E com o aumento da população, nós não temos recursos humanos para atender a demanda. Estamos com poucos funcionários na limpeza da cidade, na educação, na saúde [...]. Com a vinda dessas pessoas, aumentou um pouco a despesa no comércio. A gente arrecada ICMS, essas coisas. Mas o ruim foi para a saúde e educação [...]. Também teve impacto na geração de resíduos [...]. Nosso aterro sanitário é pequeno e não suporta o aumento na geração de lixo (entrevista realizada com agente institucional de Três Fronteiras, em julho de 2019).



Em Suzanápolis, por sua vez, o “engessamento do uso do território provado pelo padrão espacial de ocupação da agroindústria sucroenergética resultou na diminuição da atividade produtiva no campo e no atrelamento quase que exclusivo dos setores secundários e terciários ao funcionamento das usinas” (SANTOS, 2019, p.169):

Desde quando eu comecei a trabalhar aqui, que foi em 2010, quase nada mudou. Não tem diversificação de cultura. É um ou outro produtor muito pequeno que planta alguma coisa, um cereal, um milho, um feijão [...]. As áreas daqui foram todas para a cana (entrevista realizada com agente institucional de Suzanápolis, em julho de 2019).

A agropecuária aqui era forte. Tinha muito gado. Tinha lavoura forte de milho também. Mas agora virou tudo cana. Porque, para o produtor, é muito mais fácil você arrendar seu pasto para a cana, que você tem uma segurança, do que ter que investir e correr o risco de perder tudo (entrevista realizada com agente institucional de Suzanápolis, em julho de 2019).

A usina hoje é a principal fonte de renda daqui. Aumentou muito a arrecadação do município, principalmente de ISS e ICMS. Ampliou o comércio, o aluguel de casas [...]. Mas antes tinha mais fluxo. Hoje não tem tanto mais. E muita gente preferiu morar em Santa Fé. Os gerentes, mesmo, todos foram para lá. E os trabalhadores estão distribuídos pelos municípios da região. A usina disponibiliza ônibus em Pereira Barreto, Santa Fé, Três Fronteiras, Ilha Solteira. Isso acaba dividindo as pessoas. Então, para Suzanápolis mesmo, acabou não vindo muita gente [...]. Só no começo que teve um aumento grande da população. Quando estavam construindo a usina e a colheita era manual. Mas hoje diminuiu bastante. Alguns até ficaram por aqui, mas foram poucos (entrevista realizada com agente institucional de Santa Fé do Sul, em julho de 2019).

Longe de apagar com as diferenças intra-regionais, a expansão do setor sucroenergético acentua desigualdades, atraindo investimentos cujos impactos resumem-se aos empregos criados e aumento de impostos, os quais, por sua vez, precisam ser compreendidos dentro de um processo maior de mecanização, com diminuição drásticos dos postos de trabalho gerados, e de guerra fiscal (PERPÉTUA; THOMAZ JUNIOR, 2013). Sem os encadeamentos necessários para a construção de uma política pública efetivamente transformadora, em especial no setor de habitação, infraestrutura e educação, a inserção do noroeste paulista nos mercados globais de valor tem produzido crescimento econômico incapaz de promover “um desenvolvimento local inclusivo, democrático, sustentável e dinâmico” (GARCIA, 2015, p.9).



Nessa reorganização do território provocada pela usina, e com base na classificação proposta por Elias e Pequeno (2018) para análise do agronegócio em Mossoró/RN, pode-se apreender Santa Fé do Sul como a cidade do comércio e serviços gerais, ou seja, do consumo consumptivo (SANTOS, 2002). Com cerca de 30 mil habitantes, imersa numa rede urbana formada por micros e pequenos municípios às margens dos principais eixos de desenvolvimento paulista até os anos 1990 (RODRIGUES, 2006), essa localidade emerge como capital regional menos em função do estabelecimento de atividades industriais fortes, e mais como expressão da própria dinâmica populacional do noroeste paulista, marcada por interações espaciais do ‘tipo subordinação’: fenômeno típico de sistemas urbanos pouco adensados (CAIADO, SANTOS, 2004), nos quais os pequenos centros são sobremaneira dependentes da “estrutura urbana, dos serviços públicos e das oportunidades econômicas ofertadas pelos municípios-sedes” (RODRIGUES, 2006, p.88).

Sua vizinha, Três Fronteiras, desponta-se cada vez mais como local de moradia da população de mais baixa renda, emergindo como ‘cidade espontânea e informal’ (ELIAS; PEQUENO, 2018), seja por se constituir como uma das principais periferias migrantes (PEREIRA; BAENINGER, 2016) da Vale do Paraná, seja em função do que Cunha (2005) denominou de periferização da população: desaceleração do crescimento do município-sede, aumento da imigração nos municípios do entorno e intensificação dos deslocamentos pendulares. Finalmente, Suzanápolis emerge como cidade do fazer (SANTOS, 2002), onde o uso engessado do território expressa solidariedades organizacionais construídas “com base nos mais rigorosos requisitos técnicos” (SANTOS, 2002; IANNI, 2011, p.16). Outrora pensada como cidade imaginária ou simples aglomerado de agricultores (VEIGA, 2003), tal município transforma-se numa localização estratégica do setor sucroenergético na região, expondo as fraturas no território causadas pelo agronegócio.

A RECONFIGURAÇÃO DA MIGRAÇÃO INTERNA E INTERNACIONAL NO NOROESTE PAULISTA

As entrevistas realizadas também reforçam os processos migratórios desencadeados pela expansão do setor sucroenergético no noroeste paulista como fenômeno intimamente associado à hierarquia do emprego na usina:



Quando a usina veio, ainda tinha corte manual. Essa mão-de-obra veio do Nordeste. Alagoas e Bahia, principalmente [...]. O pessoal da indústria, o básico, veio daqui mesmo. Os gerentes, os encarregados, com conhecimento, eles trouxeram de outras usinas [...]. Como nós éramos uma região que não tinha muita história com a cana-de-açúcar, a gente não tinha esse tipo de mão-de-obra aqui (entrevista realizada com agente institucional de Santa Fé do Sul, em julho de 2019).

Na base da pirâmide ocupacional da empresa, a colheita manual demandava a contratação de quase 1.500 safristas: trabalhadores temporários, recrutados sobretudo na Bahia:

A usina tinha um funcionário que ficava na Bahia para selecionar o pessoal [...]. Quando ia contratar para a safra, o pessoal do RH [Recursos Humanos] daqui ia para lá. Faziam todos os exames admissionais lá e trazia o pessoal de ônibus para cá (entrevista realizada em julho de 2019, em Santa Fé do Sul, com funcionária da usina).

Tal como nas regiões canavieiras mais consolidadas, a contratação ocorria por intermediação dos chefes de turma ou gatos (SILVA; BUENO; MELO, 2015). Na Vale do Paraná, os turmeiros concentravam-se no centro-sul baiano:

Só lá da região nossa [Vila Real, na Bahia] vinham umas 500 pessoas [...]. Tinha três arregenciadores e cada um trazia quatro turmas. Cada turma tinha de 40 a 50 pessoas (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).

Essas pessoas passavam entre 7 e 8 meses do ano nos municípios da região, em casas alugadas pela própria usina, concentradas principalmente nos municípios de Santa Fé do Sul, Três Fronteiras, Nova Canaã Paulista e Suzanópolis:

A usina arrumava tudo. Pagava casa, almoço, janta, pagava tudo [...]. Era muita gente. Teve tempo de ficar 16 pessoas em uma casa de três quartos. Era lotado (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).

Por quase dez anos, as constantes idas e vindas desses trabalhadores fortaleceram as conexões entre o noroeste paulista e o Nordeste do Brasil, vínculo este fundamental no processo de reversão da tendência de esvaziamento populacional que, desde a década de 1960, caracterizava a dinâmica demográfica da região (DEMÉTRIO, 2013). Esse fluxo foi profundamente alterado com os maciços investimentos em mecanização, fenômeno contemporâneo às regulamentações responsáveis por coibir a queima dos canaviais que precediam o corte manual e por garantir melhores condições de trabalho no setor (SILVA;



MARTINS, 2010). Seja por conta da legislação vigente, seja pela capacidade de inversão financeira, desde 2014, a Vale do Paraná praticamente eliminou o plantio e a colheita manual:

Serviço braçal ainda tem, mas é pouco. Sempre tem uma cerca para fazer, para consertar. Existe o plantio ou colheita manual também, mas é bem pouco, para área bem pequena. Porque o mecanizado tem seis caminhões transbordo, um munk, um bombeiro, quatro plantadeiras, um trator reboque e três colhedoras. Dependendo da área, não dá para levar tudo isso. Aí a gente planta e colhe manual (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).

Quando eu entrei, já estava tudo mecanizado. Mas a turma era bem maior. Tinha um número maior de tratores para fazer vários serviços diferentes. Tinha um trator para soltar a terra, outro para jogar a cana dentro e outro ainda para jogar a terra de volta [...]. Agora, com a plantadeira nova, ela faz esses três serviços de uma vez só (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).

Sem solucionar as contradições sociais e ambientais presentes nas principais regiões canavieiras do país, a mobilização de todo esse maquinário cria novos conflitos (SILVA; BUENO; MELO, 2015). De um lado, os canaviais mecanizados precisam ter grandes dimensões, não apenas devido ao tamanho das máquinas, mas também para facilitar e reduzir os gastos de combustível por conta das manobras durante a colheita. De outro, ao demandar maior 'limpeza' do terreno, é necessário remover árvores, cercas, hortas, casas, fazer correções de inclinação do relevo, secar nascentes, (SILVA; BUENO; MELO, 2015). Ao mesmo tempo, a mecanização impulsiona uma nova morfologia do trabalho na usina (SILVA; BUENO; MELO, 2015). Sem eliminar completamente o trabalho vivo, as autoras relatam a persistência de uma série de serviços manuais com altos custos à saúde do trabalho, como captação de pedras, para evitar a danificação das lâminas das máquinas, e recolhimento de bitucas (restos de cana): ocupações realizadas majoritariamente por mulheres (SILVA; BUENO; MELO, 2015).

Além de reforçar a invisibilidade dos trabalhadores, sobretudo nos serviços manuais considerados de apoio, a proliferação de maquinários reconfigurou os processos migratórios dinamizados pelo setor sucroenergético. No topo da hierarquia ocupacional da Vale do Paraná, a internacionalização da usina e a necessidade de trabalho cada vez mais especializado fomentaram uma migração internacional qualificada (DOMENICONI, 2017) sem raízes históricas com a região, constituídas por gerentes e



diretores recrutados nos vários países onde os grupos Manuelita e Pantaleón estão presentes:

Lá [na usina Vale do Paraná], os cargos maiores são de estrangeiros. O diretor é da Colômbia. O gerente administrativo também é da Colômbia. O gerente agrícola é da Guatemala. Os supervisores da mecânica, da colheita mecanizada, são tudo da Guatemala ou da Nicarágua. Também já veio gente do Peru e da Argentina (entrevista realizada em julho de 2019, em Santa Fé do Sul, com funcionário da usina).

Já na base da hierarquia ocupacional da empresa, os processos migratórios internos que traziam os trabalhadores necessários para o plantio e colheita manual também foram alterados:

Agora, como tirou o corte manual, a usina fechou o escritório lá na Bahia [...]. Quando vai contratar safrista, a gente corre todas as cidades daqui da região. Não vai mais lá na Bahia. Não precisa mais. Acho que 2013 foi a última vez que foram pegar pessoal lá (entrevista realizada em julho de 2019, em Santa Fé do Sul, com funcionário da usina).

Com a mecanização, diminuiu muito a quantidade de emprego na lavoura. Muita gente ficou de fora. Aquela mão-de-obra pesada, manual, que tinha antes, não tem mais. Mas quem ficou, teve a oportunidade de crescer em outras funções (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).

Ainda tem safrista. Só que bem menos. A usina até fechou o escritório que tinha lá na Bahia para contratar gente. Agora eles fazem propaganda nas ruas das cidades próximas e nas redes sociais (entrevista realizada em julho de 2019, em Santa Fé do Sul, com funcionário da usina).

Segundo um dos entrevistados, o recrutamento dos trabalhadores temporários pós-mecanização

Funciona mais ou menos assim: eles ligam para a prefeitura, marcam um dia em cada município (Três Fronteiras, Pereira, Ilha Solteira, Santa Fé, Suzanópolis) e a gente cede um local para eles receberem os currículos. Mas a prefeitura não tem influência nenhuma. Eles vêm com a equipe deles. A gente só cede uma sala, com ar condicionado e computador. Aí o pessoal deles que recebe os currículos e faz a seleção. Todo ano tem isso (entrevista realizada com agente institucional de Suzanópolis, em julho de 2019).

No entanto, o fim do corte manual, o “fechamento de uma porta de trabalho, não deve necessariamente ser lido como o fim da busca de trabalho” (COVER; MENEZES, 2020, p.466). “ [...] o corte da cana pode estar acabando, mas restaram contatos, redes



sociais, sabedorias, conhecimentos, que são utilizados para acessar outros trabalhos e viabilizar outras rotas migratórias” (COVER; MENEZES, 2020, p.466-467). Sem estancar a migração permanentemente temporária formada para a colheita da cana (SILVA, 1999), as transformações na estrutura do emprego da usina apenas redefiniram esse processo:

A maioria do pessoal que vem para cá hoje, vem procurar [emprego]. Hoje, em Três Fronteiras, tem muita gente que veio da Bahia. Então, a maioria tem um parente aqui e vem para cá. Mas vem sem nada em vista [...]. No começo, o pessoal vinha mais para trabalhar no corte da cana mesmo. Já vinha contratado. Agora, tem muita gente que vem sem nada em vista. Vem com a coragem. Vem porque lá paga muito pouco (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionária da usina).

Antigamente, o pessoal vinha só para a usina mesmo. Mas agora não. Tem várias outras empresas. Vem para a piscicultura, vem para o frigorífico, vem para a laranja. Vem para outro setor. Para a usina mesmo, caiu bem (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).

Até 2014 vinha muita gente de Vila Real para cá trabalhar na usina. Mas agora acabou. Aí muita gente foi para o Paraná. Mas agora parece que no Paraná cortou também. Mecanizou tudo. Não estão levando mais pessoas para lá. Agora é correr atrás de outras maneiras para substituir o corte da cana (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).

À luz dessas transformações, os tradicionais “corredores da migração” constituídos a partir das principais cidades canavieiras paulistas são desestabilizados (SILVA; MENEZES, 2009, p.7). Alteram-se as estratégias de circulação que os conformam, ao mesmo tempo em que se diversificam os trabalhos realizados (COVER, MENEZES, 2020). Dessa forma, a internacionalização da Vale do Paraná não apenas produziu uma migração internacional qualificada (DOMENICONI, 2017) inédita na região, como também impulsionou a circulação regional de pessoas, associada ou não às migrações de longa distância que outrora perpassavam o trabalho manual na colheita da cana. Ou seja, a transformação de espaços selecionados (SASSEN, 1998) da região em áreas da produção globalizada de commodities alterou a dinâmica de suas migrações internas e internacionais, alimentando também seus deslocamentos pendulares e outras formas de mobilidade, os quais, em conjunto, precisam ser compreendidos no âmbito de um mesmo processo de mudança social (RENNER; PATARRA, 1980).



OUTRAS DIMENSÕES RELEVANTES PARA ANÁLISE DA RECONFIGURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO NA VALE DO PARANÁ

Além das transformações nos processos migratórios, as narrativas dos trabalhadores abrem uma ampla agenda de pesquisa sobre a influência das transnacionais e das garantias constitucionais na regulação do setor. Por um lado, há relatos de significativas melhoras nas condições de trabalho:

Foi uma mudança brusca mesmo do tempo da Unialco para a Vale do Paraná. Ela vem investindo, investindo. Ela foi eliminando os terceirizados [...]. Hoje tem poucos terceirizados. A mão-de-obra, para quem trabalha, para quem ficou, melhorou muito. O salário melhorou, a condição de trabalho melhorou (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).

Mudou muita coisa. Na roça, hoje, tem o que eles chamam de área de vivência. É como se fosse um trem com vagão. Tem mesa, água potável, banheiro. Antigamente não tinha nada disso [...]. Hoje é difícil uma usina por aqui que a pessoa vai ter que comer no chão [...]. Melhorou também o transporte. Agora é tudo micro-ônibus (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).

Investiram bastante na parte de segurança, treinamento para trabalhar em altura, com inflamáveis, com química [...]. Antes, tinha só um segurança do trabalho. Hoje tem doze (entrevista realizada em julho de 2019, em Santa Fé do Sul, com funcionário da usina).

Por outro lado, também foram mencionadas situações de maior cobrança, com estabelecimento de rotinas mais rígidas de trabalho e mudanças importantes no perfil da saúde do trabalhador:

Os acidentes de trabalho mais comuns eram ferimento por corte contuso. Corte de perna, pé, amputação de dedo [...]. Isso diminuiu muito com a mecanização [...]. Agora tem muito problema por ergonomia, coluna, postura, peso, principalmente com o pessoal da oficina automotiva, que é o trabalho que exige mais esforço. Isso acontece mais na entressafra, porque o pessoal que fica, os efetivos, são remanejados para outro setor com o fim da colheita. Aí vai para a oficina, ajudar na manutenção das máquinas, que é um serviço mais pesado, porque tem que pegar peça pesada [...]. E também tem os transtornos psiquiátricos. A síndrome de *Burnout*, síndrome do pânico, a gente teve alguns casos já esse ano [...]. Esses casos são mais do pessoal do administrativo, porque a pressão lá é bem grande (entrevista realizada em julho de 2019, em Santa Fé do Sul, com funcionário da usina).

Eu, por exemplo, tenho horário de janta. Mas a gente vai jantar, que é horário de descanso também, tem que levar o rádio. Se nos chamam, a



gente tem que largar o prato e atender correndo. Então isso não vale como hora de descanso, porque você está de sobreaviso ali. Está descansando, mas está ligado (entrevista realizada em julho de 2019, em Santa Fé do Sul, com funcionário da usina).

Agora é outra cultura, tem um pouco mais de cobrança. Nossa política não passa confiança. A gente teve que ganhar a confiança [...]. Hoje tem auditoria e procedimento para tudo (entrevista realizada em julho de 2019, em Santa Fé do Sul, com funcionário da usina).

Eles [os novos administradores da usina] estranharam muito as leis trabalhistas no Brasil, os impostos, os custos dos insumos. Aqui eles viram outra realidade [...]. Brasileiro até ficou com fama de não gostar de trabalhar (entrevista realizada em julho de 2019, em Santa Fé do Sul, com funcionário da usina).

A emergência de formas mais refinadas de subsunção ao capital (SILVA; BUENO; MELLO, 2015) também estão associadas à realização de confraternizações e campanhas sociais, muitas das quais realizadas como estratégia para obtenção de selos e certificações exigidos por determinados mercados:

Investiram bastante em EPIs, treinamentos, palestras, conscientização, campanhas. Confraternização começou a ter mais também. Agora fazem churrasco todo fim de safra. Antes não tinha tanto (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).

A empresa faz muita campanha e ações na comunidade. Já fez com a APAE de Suzanápolis, com os adolescentes do Projeto Renascer, com os Lar dos Velhinhos (entrevista realizada em julho de 2019, em Santa Fé do Sul, com funcionário da usina)..

Iniciativas dessa natureza, conjugadas à ideologia da maquinaria (SILVA; BUENO; MELO, 2015), mascaram a realidade das principais regiões canavieiras paulistas, atravessadas por desigualdades e vulnerabilidades de todas as ordens (SILVA; MARTINS, 2010; SANTOS, 2019). A essas contradições, somam-se os limites da mecanização no plantio e na colheita da cana:

O plantio manual dura mais tempo. O canavial tem mais tempo de vida [...]. Eu não sei explicar direito, mas parece que a cana cortada com maquinário perde mais líquido, e aí ela não germina bem na estiagem. Também no plantio manual, o suco é mais profundo. Com o maquinário, é um pouco mais raso [...]. Então, quando chega na época da estiagem, a cana sente mais. O canavial não dura mais cinco anos, como era a previsão (entrevista realizada em julho de 2019, em Três Fronteiras, com funcionário da usina).



Nesse cenário, as conquistas narradas devem ser contextualizadas à luz das modificações legislativas que, desde meados da década de 2010, vêm colocando na berlinda vários direitos. Em 2014, muda-se a lei de acesso ao seguro desemprego, inviabilizando esse benefício aos trabalhadores com emprego condicionado à safra. Em 2017, os retrocessos são agravados com a aprovação da reforma trabalhista: a “mais ampla modificação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), desde a sua criação, em 1943” (VALADARES; GALIZA; OLIVEIRA, 2017, p.96). Para Krein e Gimenez (2018, p.13), essa reforma “amplia o poder e a liberdade do capital para determinar as condições de contratação, uso e remuneração do trabalho”, com enfraquecimento dos sindicatos e negociações coletivas: atores fundamentais nas novas formas de resistência discutidas por Silva e Martins (2010).

Essas e várias outras alterações jurídicas – como a Lei 13.429 de 2017 (Lei da Terceirização Irrestrita), a Emenda Constitucional nº 95 (teto de gastos), a Emenda Constitucional nº 103 (reforma da previdência) e Lei 13.874 (Lei da Liberdade Econômica) (FERREIRA; BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2021) – representam a “adequação das políticas nacionais ao movimento de expansão da economia global”, corroborando a inserção passiva e subordinada do Brasil na nova ordem internacional (SANTOS; GIMENEZ, 2018, p.39). O barateamento da força-de-trabalho resultante dessas novas legislações, somado aos limites da mecanização, reforçam a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto como processo dinâmico, repleto de contradições, avanços e recuos (SILVA; BUENO; MELO, 2015; MENEZES, SILVA; COVER, 2011)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto das informações apresentadas oferece subsídios para a compreensão das “hierarquias criadas entre as cidades canavieiras” em uma região de recente expansão do setor sucroenergético (MESQUITA et al, 2019, p.330). Longe de promover a homogeneização do território, a reconfiguração da divisão socioespacial do trabalho desencadeada pela instalação de uma usina acentua desigualdades históricas, ao mesmo tempo em que cria novas dinâmicas espaciais, nas quais são evidentes as fraturas no tecido urbano, rural e regional (SASSEN, 1998; BRANDÃO, 2007).

A redefinição das escalas de poder que tradicionalmente acomodaram os processos de redistribuição da população no país também produz novos fluxos migratórios, representativos da migração interna e internacional, da globalização por cima



e por baixo (BAENINGER, 2012; PORTES; GUARNIZO; LANDOLT, 2002). A constituição desses novos espaços da migração (BAENINGER, 1999) dialoga tanto com os mecanismos de desencalhe propagados pela globalização da produção (GIDDENS, 1992), quanto com o crescente descolamento entre os processos de reprodução do capital e da população (BAENINGER; OJIMA, 2008), constituindo-se como elemento importante na produção da cidade do fazer, do morar e do consumir (SANTOS, 2002; ELIAS; PEQUENO, 2018). É na intersecção entre esses fenômenos que emerge uma nova rede urbana, dinamizadas por seus vínculos transnacionais (SASSEN, 1998).

Essas conexões carregam, no entanto, conflitos fundamentais. Por um lado, a expansão canavieira no século XXI – “era da modernidade e da reflexividade, tempos de garantias cidadãs, dos direitos humanos e sociais, do direito ao trabalho e [...] da cidadania ecológica” – diferencia-se por mobilizar “mecanismos capazes de redirecionar antagonismos históricos” presentes no setor sucroenergético (SILVA; MARTINS, 2010, p.235). Por outro lado, o encarecimento dos custos de produção alavanca a mecanização, com os agentes econômicos hegemônicos pressionando pelo desmantelamento dos direitos conquistados (SANTOS; GIMENEZ, 2018). A terceira década desse milênio aponta para um tensionamento ainda maior nessa relação, reforçando uma agenda de pesquisa que articule as transformações urbanas trazidas pela globalização da agricultura (ELIAS, 2003), às mudanças nas relações de trabalhos e nos processos migratórios dinamizados pela atuação desses capitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAENINGER, R. **Região, Metrópole e Interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil – 1980/1996**. (Tese de Doutorado) – Campinas-SP, IFCH – UNICAMP, 1999.
- BAENINGER, R. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População – NEPO/UNICAMP, 2012.
- BAENINGER, R.; ARAÚJO, R. de A.; DEMÉTRIO, N. B. (Coords.). **População e Cidades - Espaços Regionais da Agricultura Globalizada: Trabalhadores Rurais e Imigrantes Internacionais no Agronegócio em São Paulo**. Campinas, SP: NEPO/UNICAMP, 2020.
- BAENINGER, R.; OJIMA, R. Novas territorialidades e a sociedade de risco: evidências empíricas e desafios teóricos para a compreensão dos novos espaços da migração. **Papeles de Población**, v.58, p.141-154, 2008.
- BINI, D. L. de C. Mudanças na pecuária de corte e algumas implicações sócio-espaciais na Região de Araçatuba (SP). **Revista Formação**, n.16, v.2, 2010
- BRANDÃO, C. A. Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas, Editora da UNICAMP, 2007
- CAIADO, A. S. C. Dinâmica socioespacial e a rede urbana paulista. In: **São Paulo em Perspectiva**, v.9, n.3, p.46-53, 1995.



- CAIADO, A. S. C.; SANTOS, S. M. M. Urbano ou rural? Um olhar sobre processos sócio-espaciais em curso no Estado de São Paulo. **Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambú, 20 a 24 de setembro de 2004, p.1-9.
- CASTILLO, R. Dinâmicas recentes do setor sucroenergético no Brasil: competitividade regional e expansão para o Bioma Cerrado. **GEOgraphia** – Ano 17 – Nº 35 – Dossiê, 2015
- CASTILLO, R.; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (3): 461-474, dez. 2010.
- CHAIA, Vera Lúcia Michalany (1980). **Os conflitos de arrendatários em Santa Fé do Sul** – SP (1959-1969). São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP.
- COVER, M.; MENEZES, M. A. Estratégias de renda de trabalhadores migrantes e a mecanização da colheita de cana-de-açúcar: um olhar desde o Sertão Paraibano. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 8 (2) • 458-475 • jun. a set. 2020.
- DELGADO, G. Mudança técnica na agricultura, constituição do complexo agroindustrial e política tecnológica recente. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, 2(1): 79-97, jan. / abr., 1985.
- DEMÉTRIO, N. B. **População e dinâmica economia da Região de Governo de Jales**: o outro rural do Oeste Paulista. Dissertação de Mestrado. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH/UNICAMP, 2013
- DINIZ, C. C. Repensando a questão regional brasileira: tendências e desafios. In: ACUÑA, C.; RIELLA, A. (Org). **Território, Sociedad y Región: Perspectivas desde el Desarrollo Regional y Local**. Montevideo: Facultad de Ciencias Sociales, 2003.
- DOMENICONI, J. de O. S. **Migração internacional qualificada**: trabalhadores do conhecimento em São Paulo no início do século XXI. 2017
- ELIAS, D. **Trabalho de campo**: notas teórico-metodológicas. GeoUSP Espaço e Tempo: Revista da pós-graduação em Geografia. Universidade de São Paulo, junho de 1999.
- ELIAS, D. **Globalização e Agricultura**. São Paulo: EdUSP, 2003.
- ELIAS, D.; PEQUENO, R. Reestruturação produtiva e do território de Mossoró (RN). In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato (Org.). **Tendências da urbanização brasileira**: novas dinâmicas de estruturação urbano-regional. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.
- FERREIRA, G. V. N.; BENTO, F. dos S.; THOMAZ JUNIOR, A. As redes de degradação e precarização do trabalho no agrohidronegócio canavieiro na Região Administrativa de Presidente Prudente (SP). **Revista Pegada**, vol.22, n.1, janeiro-abril de 2021.
- GARCIA, R. C. Prefácio. In: DEMARCO, D. J. (Org). **Gestão Pública, município e federação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2015.
- GONÇALVES, M. F. **As engrenagens da locomotiva: ensaio sobre a formação urbana paulista**. Tese de doutorado. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH/ UNICAMP, 1998.
- IANNI, O. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- MAMIGONIAN, A. Notas sobre os frigoríficos do Brasil Central Pecuário. **Boletim Paulista de Geografia**, n.51, p. 7-14, jun.1976.
- MANRIQUE, L. E. El emergente eje ‘Sur-Sur’ global. **Política Exterior**, marzo/abril de 2012.
- MARTINS, H. J. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.
- MELO, B. M. de. **História e memória na contramão da expansão canavieira**: um estudo das formas de resistência dos sitiante do extremo noroeste paulista. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCAR, 2013.
- MENEZES, M.A.; SILVA, M. S. da; COVER, M. Os impactos da mecanização da colheita de cana-de-açúcar sobre os trabalhadores migrantes. **Idéias|Campinas(SP)|n. 2|nova série|1º semestre (2011)**.
- MESQUITA, F.; CASTILLO, R.; LUNA, I.; SANTOS, H. F. dos. Hierarquias regionais no agronegócio canavieiro: movimentos da fronteira e centralidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.21, n.2, p.329-350, maio-ago, 2019.
- MÜLLER, G. A dinâmica da agricultura paulista. São Paulo: Fundação SEADE, 1988.
- NEGRI, B., GONÇALVES, M. F. e CANO, W. O processo de interiorização do desenvolvimento e da urbanização no Estado de São Paulo (1920-1980). In: CANO, W. (Org.). **A interiorização do desenvolvimento econômico no Estado de São Paulo (1920-1980)**. São Paulo: SEADE, 1988, p.5-93.



- PEREIRA, G. G. **Migrações e agronegócio**: espaços na citricultura paulista. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2019.
- PEREIRA, G.; BAENINGER, R. Periferias Migrantes: Trabalhadores Rurais do Agronegócio Citrícola em São Paulo (Brasil). **Anais do VIII Congresso Latinoamericano de Estudos do Trabalho**. Buenos Aires, 3 a 5 de agosto de 2016.
- PERPETUA, G. M.; THOMAZ JUNIOR, A. Dinâmica Geográfica da Mobilidade do Capital na Produção de Celulose e Papel em Três Lagoas (MS). **Revista da ANPEGE**, v. 9, n. 12, p. 55-69, jul./dez. 2013.
- PORTES, A.; GUARNIZO, L.; DANDOLT, P. **La Globalización desde abajo: transnacionalismo inmigrante y desarrollo**. México: FLASCO: Miguel Angel Porrua, 2003.
- RENNER, C. R.; PATARRA, N. L. Migrações. In: SANTOS; LEYY; SZMRECSÁNYI (org). **Dinâmica da População**. São Paulo: T. A. Queiróz Editora, 1980.
- RIBEIRO, A. C. T. Regionalização: fato e ferramenta. In: LIMONAD, E.; HAESBAERT, R.; MOREIRA, R. (org.) **Brasil século XXI: Por uma regionalização? Processos, Escalas, Agentes**. São Paulo: Max Limonad, 2004. p. 194-212.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999 (Cap.13 Entrevista).
- RODRIGUES, F. Por onde vão as 'Brisas Suaves' do Sertão Paulista – População e estruturação urbana na constituição da cidade (im)possível – Votuporanga, um estudo de caso. **Textos NEPO 51**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2006.
- SAMPAIO, M. de A. P. **360° - O Périplo do Açúcar em Direção à Macrorregião Canavieira do Centro-Sul do Brasil**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013 (5ª ed.).
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SANTOS, H. F. dos. Especialização regional produtiva e vulnerabilidade territorial dos municípios sucroenergéticos no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. **Caminhos de Geografia: Uberlândia**, v. 20, n. 72 Dez/2019, p.169–188.
- SANTOS, A. L. dos; GIMENEZ, D. M. Desenvolvimento, competitividade e a reforma trabalhista. In: KREIN, J. D.; GIMENEZ, D. M.; SANTOS, A. L. dos. **Dimensões críticas da reforma trabalhista no Brasil**. Campinas, SP : Curt Nimuendajú, 2018.
- SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- SILVA, M. A. M. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- SILVA, M. A. M.; BUENO, J. D.; MELO, B. M. La simbiosis perversa: las máquinas y la degradación del trabajo en el estado de San Pablo, Brasil. In: RIELLA, A.; MASCHERONI, P. (Org). **Asalariados Rurales em América Latina**. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales e Departamento de Sociología-FCS-UDELAR, 2015.
- SILVA, M. A. de M.; MARTINS, R. C. A degradação social do trabalho e da natureza no contexto da monocultura canavieira paulista. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, no 24, mai./ago. 2010, p. 196-240.
- SILVA, M. A. M.; MENEZES, M. A. Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões: **Revista Eletrônica do Nead**, Brasília/DF, 2006.
- SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, H. (Org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980.
- TARTAGLIA, J.C; OLIVEIRA, O. L. Agricultura Paulista e sua Dinâmica Regional (1920-1980). In: CANO, W. (Org.). **A interiorização do desenvolvimento econômico no Estado de São Paulo (1920-1980)**. São Paulo: SEADE, 1988, p.5-93.
- VEIGA, J. E. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Editora Autores Associados, 2003.